

“AMSTERDÃ, 79”: UMA VIAGEM EM DIREÇÃO À REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

"AMSTERDAM, 79": UN VIAJE HACIA LA REPRESENTACIÓN DE LA IDENTIDAD FEMENINA

Raquel Holstein S. dos Santos¹

Cecil Jeanine Albert Zinani²

RESUMO: Os estudos culturais, a partir do século XX, propiciaram a inserção do discurso das minorias em âmbito social, entre os quais o das mulheres. Em tal contexto, as escritoras latino-americanas, por volta de 1980, iniciaram um processo de representação da identidade feminina, com base em aspectos da história e da memória, característicos dessa região, historicamente periférica. Nesse sentido, com base no conto “Amsterdam, 79”, de Matilde Sánchez, pretende-se conectar as representações da identidade feminina às dessa região visualizada à margem do contexto mundial ao longo do tempo. Para tanto, o estudo tem como foco a voz narrativa que utiliza as lembranças, a fim de reconfigurar-se enquanto sujeito que detém a palavra e, conseqüentemente, a direção de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade feminina. Região. América Latina.

Considerações iniciais

A vida, entendida como uma grande viagem, é revelada através de experiências múltiplas. Em tal direção, as reflexões advindas dessas vivências podem acompanhar o indivíduo no decorrer de sua trajetória, confrontando o presente e o passado, tendo como fio condutor a memória, com foco em um movimento de busca identitária impulsionado, por exemplo, entre grupos marginalizados historicamente.

No contexto latino-americano, com o advento dos estudos culturais, o sujeito feminino traz à tona questões relacionadas à sua condição de submissão, enquanto ser restrito aos limites do lar, além de estabelecer sua inserção nas discussões acerca da posição periférica em que esteve situado o continente, no decorrer do tempo, frente aos

¹ Mestranda em Letras, Cultura e Regionalidade – Universidade de Caxias do Sul. E-mail: raquel-holstein@hotmail.com.

² Professora do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – Universidade de Caxias do Sul. E-mail: cezinani@terra.com.br.

européus e norte-americanos. De acordo com Woolf (1996), “as mulheres, tendo encontrado suas vozes, têm algo a dizer, algo que naturalmente é de suma importância e significação para as mulheres”, porém, não só para elas e, sim, para a sociedade como um todo. As representações cristalizadas através dos tempos foram interrogadas na América Latina, de modo particular, a partir da década de 1980, em especial através da literatura produzida por escritoras, a qual impulsionou questionamentos acerca de discursos e práticas presentes no cotidiano das pessoas em geral.

A experiência de uma viagem subjetiva encontra-se presente na trajetória da narradora viajante de “Amsterdam 79”, conto que integra a obra *Vinte ficções breves*: uma antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos (2002), organizada por Violeta Weinschelbaum, e publicado originalmente em *La Canción de las ciudades* (1999), da escritora argentina Matilde Sánchez. A narradora sai de Buenos Aires em direção à Europa e, durante tal jornada, traz à tona aspectos relacionados à identidade nacional e feminina, de modo que fica enfatizado o silêncio ao qual a nação foi submetida no período da ditadura militar, assim como as mulheres ao longo de sua história. Tais questões, por sua vez, podem ser conectadas ao conceito de região, tendo em vista que as representações presentes no imaginário dos sujeitos delimitam as fronteiras subjetivas que marcam um “espaço construído”, segundo Certeau (1994).

Ocorre que as questões ligadas à identidade nacional, presentes em boa parte do conto, constituem-se, na verdade, em pretexto para uma viagem ao interior da narradora, pois, a cada imagem, gesto ou situação ocorrida durante a passagem pelo Velho Mundo, o âmago das reflexões passa a ser a protagonista, que, em momento algum da narrativa, cita o seu nome ou o de seu namorado, referindo-se apenas a Yo e C, respectivamente. A postura de enfrentamento que a caracteriza, embora sutil (sempre voltada ao seu interior e não externada durante a visita à Holanda, primeiro país a ser “vivido” pelo casal de turistas), é direcionada à situação da Argentina e, em um segundo momento, à sua, na condição de sujeito feminino que inicia uma caminhada em direção à autonomia de pensamento e ação. Assim, a protagonista interroga práticas e discursos perpetuados por dominantes e dominados durante muito tempo, dando início a uma inversão de percursos, como pode ser constatado no trecho “Nos íbamos a comer Europa” (SÁNCHEZ, 2002, p. 180). Vale ressaltar que não há maiores indicações para o leitor se, para Yo, a viagem íntima é, de fato, planejada, a fim de iniciar um processo de autoconhecimento, ou se tudo isso passa a acontecer de forma acidental, durante o transcorrer do passeio.

Tendo em vista as peculiaridades da narrativa latino-americana presentes no conto de Sánchez, pretende-se conectar as representações da identidade do sujeito feminino às desse espaço historicamente periférico, cujas representações foram construídas gradativamente, desenhando os contornos identitários dos sujeitos. Para tanto, o estudo tem como foco a voz narrativa, que se encontra em um processo de reconfiguração de identidade, ou seja, a “una expedición a uma tierra virgen” (SÁNCHEZ, 2002, p. 179). Considerando que “a moderna humanidade se vê em meio (...) a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 1989, p. 21), de certa maneira, tanto as capitais holandesa e argentina quanto o próprio interior da personagem apresentam-se como um território desconhecido, a serem desvendados a partir da conquista do poder da palavra da narradora, mesmo que, nesse intervalo temporal, através de um jogo de perguntas, respostas e afirmações que trava apenas consigo mesma.

1 Região: relações construídas

Os debates acerca dos temas regionais têm sido constantes nas últimas décadas, ligados, em especial, à identificação de determinado grupo social que mantém seus integrantes próximos e conectados em favor de um lugar construído histórica e culturalmente, como é o caso da América Latina. Diferentes sujeitos ligados entre si por algum tipo de similaridade, enquanto buscam e necessitam de uma integração, compartilhando experiências e representações, também creem ser imprescindível direcionar a luz dos holofotes à cor local. Em tal contexto, as relações de regionalidade, provenientes de lugares construídos, em um mundo aparentemente sem fronteiras, determinam relações paradoxais na contemporaneidade.

A região, como constructo, não está relacionada, conforme Pozenato (2001), a uma realidade natural e, sim, à determinada divisão firmada por um ato de vontade. Ocorre que, segundo o pesquisador, essa divisão não é arbitrária por completo, considerando-se critérios ligados ao alcance e à eficácia do poder presentes no processo de autoria da região, que só existe enquanto esse poder é reconhecido. Pode-se ter em conta, então, segundo Bourdieu (2001), que a região está envolvida em um contexto de lutas, inclusive entre diversas áreas do conhecimento que aspiram ao monopólio da legitimidade do conceito.

Para o estudioso francês, a cultura e grande parte dos sistemas simbólicos podem
Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

ser consideradas como instrumentos de poder, já que legitimam a ordem social vigente (influências de Marx e Weber). Por outro lado, tais sistemas são reconhecidos como instrumentos de comunicação e conhecimento, na medida em que promovem certo consenso acerca dos significados dos signos e ao significado do mundo (contribuições de Durkheim e Lévi-Strauss). Nesse sentido, “a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância” (POZENATO, 2001, p. 157).

Em “Amsterdam, 79”, é possível pensar nos relatos de viagem com base em uma ausência presente nas representações da narradora, ou seja, há uma região que concentra todas as referências que a protagonista tem de si mesma e do mundo de um modo geral, seu país de origem, autorizando-a a utilizar discursos e práticas tradicionalmente cultivados em âmbito social. Entretanto, o distanciamento possibilitado pelo passeio turístico à Europa, dá início a um percurso desafiador, em que passa a visualizar quão devastador é o silêncio imposto à nação, no período da ditadura, e a si mesma, enquanto mulher sujeita à organização da sociedade sob o viés androcêntrico, já que inviabiliza a liberdade por meio do uso limitado (ou inexistente) da palavra. Percebe-se, na protagonista, um desejo de conquistar o espaço europeu, compreendendo-o segundo sua ótica, ou seja, sem orientações externas voltadas a interesses específicos, o que, no decorrer dos séculos, moldou a visão dos latino-americanos. Entre outras coisas, havia o desejo de “conocer cuánto de real tenían los relatos que otros habían hecho mucho antes”, e, em tal contexto, “no encontraríamos caminos intransitados sino circuitos, unidades de nacionalidade, verdadero paquetes de sensaciones regionales, cuando nosotros buscábamos todo lo contrario, hacer la Europa, salir a las rutas y conquistar el espacio (SÁNCHEZ, 2002, p. 179).

A tentativa de acessar um território desconhecido, considerando-se a importância da autonomia do olhar para a organização de conceitos, está ligada, no conto, aos primeiros passos da narradora em direção às reflexões acerca da Argentina e da condição feminina. Para tanto, intercala afirmações do namorado, “C”, sobre fatos e experiências humanas, e suas constatações em relação à vontade de pensar e/ou agir, por exemplo, quando diz que “la vida decrecía muy lentamente por la perdida de voluntad” (SÁNCHEZ, 2002, p. 184).

A iminência de descobertas, a partir do espaço (de caráter transitório) em que estava inserida, revela um ambiente propício ao recolhimento, com o estabelecimento de relações de distanciamento, ao permitir uma análise mais aprofundada da situação

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

em que se encontra sua terra natal, e de proximidade, na medida em que há uma identificação entre a protagonista e alguns conterrâneos encontrados eventualmente na Europa. Além disso, a aproximação de si mesma também desvela um exercício de (re)conhecimento, quando a narradora, ao narrar o passado, apodera-se da palavra. Nesse sentido, é possível relacionar o comportamento da narradora às afirmações de Santos (2002), de que o termo *fantasme*, usado por Barthes, na obra *Aula*, de 1977, deve ser usado no momento de decidir o sentido da viagem a ser iniciada, pois o sujeito, assim, desviaria o foco do que é tradicionalmente esperado, modificando o rumo das reflexões. Assim, entende-se que o esperado sempre se encontra morto, ao passo que os fantasmas manteriam relação direta com a vida, ou seja, com as transformações que marcam, talvez, uma nova etapa na trajetória da protagonista.

No âmbito da região, o foco é a investigação das relações de regionalidade que se estabelecem em determinado espaço, permitindo que um evento seja considerado sob diferentes perspectivas. A regionalidade, segundo Pozenato (2009), refere-se à marca do regional, ou seja, à representação de um modo ser e de estar presente no mundo, viabilizado, por exemplo, pela literatura.

A regionalidade, então, pode ser entendida como o ato de “identificar e descrever todas as relações do fato literário com uma dada região” (POZENATO, 2003, p. 155). Tal movimento pressupõe certa proximidade ou identificação do autor com a região a partir da qual escreve. Assim, esse local, cujo significado é potencializado por determinantes culturais e/ou sociais presentes no ato da escritura, pode ser considerado como “aquele espacio que puedo recorrer sin sentirme todavia un extraño” (KALIMAN, 1994, p. 14), como é o caso do silêncio, presente também fora do espaço argentino, no comportamento da protagonista ou mesmo de outras personagens do conto, em determinados momentos. Isso porque o contexto regional do qual procede a narradora influencia seu referencial identitário, ou seja, é em relação a circunstâncias provenientes desse espaço que ela se reconhece como sujeito.

Em tal direção, é possível visualizar a região como arte-fato, dado que “permite indicar que o regional é abordado ao mesmo tempo como criação, auto-fazer-se (‘arte’) e como construção já produzida e articulada (‘fato’)” (HAESBAERT, 2010, p. 7). Dessa forma, o significado da escritura, para Kaliman (1994), perpassa as comunidades discursivas, definindo a relevância social dos processamentos textuais. Tal fato segue as expectativas do produtor e do receptor do texto, com o acréscimo de fatores individuais considerados em tal fenômeno, os quais enriquecem o resultado final da obra, isso *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

porque, conforme Duranti (2000), a linguagem estabelece um vínculo útil entre o pensamento interno e a conduta pública.

O texto artístico dotado de um viés regional, com isso, desnuda experiências compartilhadas pelos integrantes de um lugar construído simbolicamente. A representação de visões de mundo motivadas via cultura promove uma literatura até certo ponto desprestigiada, porém não relacionada apenas a assuntos locais, o que remete às discussões da universalidade de certos textos literários. No entanto, é inegável que temáticas ligadas às vivências dos sujeitos em certo lugar são utilizadas no ato da escritura, revelando ideologias e modos de viver característicos de uma região, motivadas, muitas vezes, historicamente, esculpindo na obra literária a face e a experiência dos sujeitos ligados a ela.

Nesse sentido, perseguindo “aquele viaje como uma exploración y un aprendizaje” (SÁNCHEZ, 2002, p. 180), a narradora explora uma Amsterdam, sobretudo, com ausência de cores, cujo entardecer se fazia presente em um curto espaço de tempo, revelando uma escassa oportunidade de reflexão acerca da vida, de um modo geral, que só poderia pressagiar a decadência e o contínuo desgaste do indivíduo. O texto literário, nesse momento, concentra oposições advindas de um ser que, por meio do distanciamento, reconstrói espaços, ou seja, o continente europeu revela-se não mais como um motivador idealizado da viagem realizada pelo casal de turistas, mas como possibilidade de entendimento da situação em que se encontra o lugar de origem. Em Amsterdam, durante o breve crepúsculo, o pardo invade o azul, impondo “su tono de hoja muerta” (SÁNCHEZ, 2002, p. 186), assim como ocorre em Buenos Aires, àquela época (década de 1970), sob o silêncio da ditadura. Enquanto ser entre a luz e a sombra, a narradora vive determinadas situações, independentemente do espaço físico em que se encontra.

Se visualizada enquanto constructo mental, cultural, social e político, de acordo com o marco conceitual no qual se trabalha, conforme Kaliman (1998), a região estabelece-se a partir de uma função sobre o espaço, cujo reflexo atinge o grupo que a ela se sente pertencente, definindo suas fronteiras. Com base na experiência dos sujeitos, o discurso é, indiscutivelmente, um dos grandes responsáveis pela propagação desse espaço significativo, envolto em ideologias. Assim, segundo Haesbaert (2010), o discurso da regionalidade institui a verdade da região, pois as palavras “como artículos de consumo, (...) tienen poder sobre sus hablantes; presuponem un punto de vista, igual que los objetos presuponem ciertos deseos en sus usuarios potenciales” (DURANTI, *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

2000, p. 123).

No conto, ao perceber que, em países como a Bélgica, havia fronteiras imateriais que separavam conterrâneos, como é o caso de flamencos e valones, cujas fisionomias não correspondem às diferenças de língua e atitude, por exemplo, a narradora constata que as fronteiras geográficas, na Europa, nem sempre correspondem à identificação entre os indivíduos, contrariamente à América, bastante presa aos limites físicos. Nesse sentido, os relatos memorialísticos não estão ligados a relações de regionalidade específicas, mas aos limites da subjetividade da narradora.

Desse modo, a região está diretamente relacionada a decisões voltadas ao íntimo dos indivíduos ligados a ela e à interação criada pelo espaço simbólico. Por isso, Certeau (1994) indica que, em um mesmo lugar, coexistem diferentes regiões, conforme o número de interações que são estabelecidas, o que remete à ideia de que o espaço revela dualidade e operacionalidade, quer dizer, está ligado a uma problemática de enunciação, relativa à interlocução. Nesse ponto, o estudioso afirma que os relatos são coprodutores de regionalidade, ou seja, a obra literária enuncia espaços simbólicos criados por meio desses relatos.

Em meio as suas fronteiras, a região trabalha o fortalecimento de um espaço cultural, viabilizando e impulsionando a construção de identidades regionais, as quais podem estar sobrepostas em apenas um local geográfico. Joachimsthaler (2010, p. 40) assegura que “as identidades sobrepostas não se excluem umas às outras: elas são possíveis simultaneamente, mesmo com suas diferenças, pois, por princípio, as identidades regionais não seguem o princípio de exclusão das identidades nacionais”. Tendo-se em conta a existência concreta da região, deve-se observar que ela é vivida pelos sujeitos que estão presentes em tal espaço, o que remete a determinadas representações identitárias vinculadas ao local, as quais perseguem uma autoafirmação em âmbito global.

Na tentativa de entender o espaço regional como um todo, para Bezzi (2004), não necessariamente homogêneo ou equilibrado, e, por isso mesmo, contraditório, é preciso analisar seus reflexos externos, em direção a uma valorização territorial do lugar e a uma concepção globalizante. Com isso, o estudioso assevera que é imprescindível visualizar a região pela perspectiva sistêmica, a qual detém todos os aspectos envolvidos na sua constituição interligados, transformando-a em realidade concreta materializada em um espaço.

A região, no mundo globalizado, conecta-se ao conceito de rede, pois esta, *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

conforme Mance (2000) promove articulações e trocas entre elementos que se fortalecem mutuamente, permitindo o equilíbrio sustentável ou mesmo a existência de novas unidades. Tal posicionamento corrobora as colocações de Castells (1999, p. 498-499), segundo o qual “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada. (...) Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio”. Nesse ponto, visualiza-se um sujeito feminino, representado no conto, que, ao expor suas limitações, frente aos desígnios do namorado, e desejos, com base em problemáticas regionais, localizadas em território argentino, possibilita uma identificação de outras mulheres, por conta de um universo subjetivo que ultrapassa as fronteiras espaciais e segue em direção a seres humanos desconsiderados ao longo da história.

Inevitavelmente, a região está conectada ao todo, condicionando as relações entre os grupos sociais/culturais. “As regiões se tornaram lugares funcionais do Todo, espaços de convivência” (SANTOS, 2008, p. 156), o que provoca uma reelaboração do espaço simbólico. Com o processo de mundialização da cultura, tendo-se em vista as pluralidades culturais, as questões regionais exigem uma análise mais cuidadosa, o que exige um distanciamento em relação do modo como são consideradas pelo senso comum. Pode-se pensar, então, a “cultura *regional* fundamentada na associação mecânica entre (...) um conjunto de valores, estilos-de-vida, práticas sociais, modos de fazer, saberes e artefatos culturais e (...) uma determinada territorialidade” (SANTOS, 2009, p. 4). Desse modo, constata-se que as regiões, com base nas práticas discursivas do momento presente, inegavelmente, constroem referências identitárias e, em tal direção, entende-se que identidades revelam a articulação existente entre o sujeito e o discurso.

Por outro lado, hoje, há uma referência ao futuro, subordinada à integração do país com base em relações que transcendem as suas fronteiras políticas. Nas palavras de Pozenato (2003, p. 155), “esse passado e esse futuro cruzam-se no presente. (...) Com o deslocamento do conceito de região do seu confronto tradicional frente à idéia de nação, pelo menos alguns dos preconceitos tradicionais poderão ser varridos”, o que facilita a investigação sobre em que consiste a rede de relações convencionalizada por região.

A voz narrativa revela um sujeito feminino que busca na memória uma possibilidade de renovação, por meio de um olhar renovado sobre o passado, a fim de reelaborar-se enquanto ser atuante no presente. Tendo em vista que as reflexões narradas ocorrem quatorze anos após a viagem à Europa, realizada em 1979, quando, novamente *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

em Buenos Aires, ao tornar-se mãe, a protagonista afirma que “lo realmente triste, pienso ahora, es que la perdida de tiempo no se pueda remediar” (SÁNCHEZ, 2002, p. 195), percebe-se que o distanciamento, no espaço, inicialmente, e no tempo, depois, é fundamental para sinalizar as transformações pelas quais passa a narradora, em direção a uma condição de vida diferenciada no futuro. A imobilidade presente significaria “la densidad máxima del tiempo” (SÁNCHEZ, 2002, p. 198) para a narradora.

É fato que a região existe enquanto espaço simbólico, construído e representado na literatura a partir de determinados aspectos de ordem social, cultural, política ou econômica, entre outros. Desse modo, remete à heterogeneidade dos grupos humanos e seus respectivos modos de vida. Percebe-se, assim, que o regional existe através de relações que se estabelecem via interação e discurso, de modo que os relatos de regionalidade, por exemplo, através da literatura, são responsáveis, da mesma forma, pela manutenção de determinada região.

Na atualidade, as mudanças ocorridas no âmbito das relações humanas, por meio da globalização, remetem a uma ideia de unificação, o que de fato não acontece. Nesse contexto, surge a região, representada em suas particularidades, em um movimento que valoriza o local frente ao global. Tal prática indica a necessidade de análise das relações de regionalidade que certamente se estabelecem e sofrem modificações em um ambiente teoricamente homogêneo, por meio de redes de comunicação, cuja principal característica é a tentativa de articular e integrar grupos pertencentes a regiões distintas, em favor de uma estrutura global, fenômeno permeado por contradições, mas indiscutivelmente presente na contemporaneidade.

2 Sujeito feminino: reconfiguração de identidade

As representações identitárias ligadas a determinado espaço também passaram por transformações ao longo do tempo, adequando-se às modificações e necessidades da sociedade, desvelando o caráter fragmentário da modernidade. No espaço latino-americano, a produção literária com foco no caráter nacional iniciou, por volta da segunda metade do século XX, um processo de representação da identidade de grupos marginalizados, a começar por ela própria, enquanto continente dominado, durante séculos, pelos colonizadores. No entanto, a postura contestadora foi além, dando voz a sujeitos silenciados até então, dentro de seus próprios limites, como é o caso das mulheres, que passaram a problematizar seu comportamento submisso em relação ao

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

poder masculino, assim como questões relacionadas ao grupo social do qual faziam parte.

Embora a premissa do nacional aliado à arte literária fosse considerada ilusoriamente como fato natural, de acordo com Coutinho (2003), o século XX concentrou contribuições de pesquisadores que passaram a contestar tal posicionamento. Anderson (1993) utiliza a expressão “comunidades imaginadas” para indicar que uma nação é criada a partir dos interesses políticos de determinados grupos e que as literaturas nacionais também são construções que sustentam uma identidade única frente às demais nações. Com isso, a literatura é, ao mesmo tempo, produto e produtora, mesmo que parcial, da nação, ou seja, dos sujeitos ligados a ela.

A narradora de “Amsterdam, 79” caracteriza os argentinos, mesmo em território estrangeiro, através do silêncio e da ausência de identificação, fazendo-a apenas por apelidos ou codinomes. Entretanto, ressalta-se que, ao contrário de outros conterrâneos localizados na Europa, a protagonista e o namorado seguem para lá como turistas, quer dizer, não são exilados, algo de que ela tem consciência (o casal realiza a viagem, promovendo um distanciamento que possibilita, mais tarde, uma visualização mais fiel do que acontece no país de origem). Tal fato reflete a situação problemática por que passa o país a partir da instalação da ditadura militar, fato que gerou descontentamento junto à população, já que a convivência entre esses dois extremos da nação, dominantes e dominados, tornou-se insustentável com o passar dos anos. Nesse ínterim, a violência foi o argumento utilizado pelos detentores do poder para obter a concordância (embora fictícia) dos cidadãos em relação às decisões tomadas e aos atos praticados.

Na verdade, a Argentina assemelha-se a outros países latino-americanos, apresentando situações afins e tornando-se, desse modo, um local paradigmático. Assim, o espaço, inicialmente, idealizado, inclusive pelos europeus durante e após as duas grandes guerras mundiais, pois representava um lugar promissor para reconstruir a vida, passa a apresentar uma realidade difícil. O lugar que antes acenava com um renascer acaba expulsando os próprios argentinos (exilados), porém as marcas (positivas e/ou negativas) do lugar de origem persistem nos sujeitos, independentemente de onde se encontram. Nesse sentido, para Ravetti (1999, p. 46), “es un espacio de la historia pero también y fundamentalmente, del imaginario latinoamericano”, pela força representativa identificada, por exemplo, na literatura.

O regime ditatorial, presente de 1976 a 1983, marcou profundamente a sociedade argentina, deixando em branco páginas fundamentais da história do país, *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

situação que passou a ser contestada por diversas escritoras, como Isabel Allende (1942), no Chile, Cristina Peri Rossi (1941-), no Uruguai, e Luisa Valenzuela (1938-) e Matilde Sánchez (1958-), mais recentemente, na Argentina. Com isso, o mais importante na arte literária, ao representar situações características do sujeito pós-colonial, fascinado pelo que vê e em busca de novas referências, “no es la escritura como tal sino el cómo construir el discurso y ofrecer un diseño a la ‘realidad’: descubrir el procedimiento, explicitar el movimiento” (RAVETTI, 1999, p. 47), como ocorre com a protagonista do conto, visto que narra a experiência pretérita da viagem à Europa com as respectivas manifestações (interiores) acerca de discordâncias ou mesmo constatações relacionadas a fatos que remetem à sua terra natal, assim como ao comportamento feminino e masculino em âmbito social, refletindo, em ambos os casos, relações de poder desiguais. Para tanto, a conquista da palavra é fundamental nesse processo de reconfiguração da identidade, o que reflete uma reavaliação do sujeito e do cânone latino-americano.

A afirmação dos grandes nomes da literatura, afirma Coutinho (2003), teve como base o nacionalismo, voltado à preocupação com a singularidade dos grupos. No entanto, os cânones provenientes de diferentes nações variam conforme o momento histórico e, por isso, estão constantemente em aberto, inserindo a multiplicidade de olhares presentes nos limites nacionais. Na América Latina, a definição do cânone sempre esteve atrelada ao processo de formação e constituição das nações. “Daí a preocupação, presente na produção literária de cada um dos diferentes países latino-americanos, com a especificação de sua singularidade, definida por traços que os diferem uns dos outros e de suas matrizes européias” (COUTINHO, 2003, p. 60).

Entretanto, as certezas existentes cederam lugar a questionamentos quanto à homogeneidade representada, a partir da segunda metade do século XX, o que remete à constatação de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2004, p. 13). Na verdade, em “Amsterdam, 79”, a própria sociedade argentina encontra-se dividida: de um lado, o governo ditatorial, detentor do poder; de outro, o restante da população, silenciada.

Visto que a identidade nacional foi construída com base no Romantismo (século XIX) e nas vanguardas (século XX), no caso dos países latino-americanos, com a independência política no século oitocentista, iniciou-se um movimento patriótico, na tentativa de dotar esses países de uma produção literária semelhante à europeia. Assim, Coutinho (2003) assevera que, em um período permeado por conflitos, a literatura era o

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

respaldo necessário para projetar uma imagem grandiosa dessas nações formadas havia pouco tempo, e, desse modo, seus escritores passaram a registrar na escritura a realidade própria desse espaço, buscando tornar a obra literária reconhecida por sua especificidade local.

A literatura do novo continente, mesmo baseada na estética europeia, transformou as influências importadas, mantendo, porém, a visão de mundo original destas, peculiaridade que causou disparidades incorrigíveis. O Romantismo, cuja produção voltou-se, basicamente, à construção das identidades nacionais, manteve-se fiel aos seus pressupostos básicos, “que exaltavam a originalidade e a singularidade, tanto no plano pessoal quanto coletivo” (COUTINHO, 2003, p. 62). Tal configuração deixa o intelectual latino-americano em uma posição ambígua, pois cria uma figura mista, ou seja, com o porte físico do americano, mas voltada aos valores europeus.

Ocorre que, por volta da década de 1920, a identidade passa a motivar os debates culturais de um modo geral, direcionando as discussões para uma leitura crítica da tradição. O processo de autorrevisão das nações origina um discurso literário crítico e afirmativo, ainda que sob uma perspectiva ontológica, que explica os movimentos regionalistas engajados. Assim, têm início, na segunda metade do século XX, as narrativas, cuja repercussão é ampla, pois abordam questões locais, problematizando o sul do continente latino-americano, marcado por conflitos de ordem econômica, política e social, a partir da presença de regimes ditatoriais na região. Ao final desse período, várias escritoras passaram a tratar de questões marcantes do passado, dando início a narrativas voltadas à retórica testemunhal, o que fez do ato de lembrar, de acordo com Sarlo (2007), uma tentativa de restaurar laços sociais perdidos durante o exílio ou mesmo devido à violência do Estado.

Santos (2002, p. 14), entende que “há (...) duas dimensões básicas a serem consideradas: a nação como construção histórica imaginária e a nação como base de uma episteme para pensar a própria história”. Ao final de “Amsterdam, 79”, a protagonista imagina que não seria impossível acabar seus dias devota do silêncio e exilada do mundo e, dessa forma, “ya no volveria a viajar, perderia toda curiosidad por los otros para concentrarme en mi próprio murmullo. (...) Una vez sedada de la vida, como si fuera posible agotar el deseo de experiência, podría consagrarme sin distracciones a la lectura” (SÁNCHEZ, 2002, p. 199). No entanto, a narradora busca a conquista da autonomia, na condição de escritora (ativa) e não apenas de leitora (passiva), em um cenário que inter-relaciona as lacunas existentes no íntimo do sujeito

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

feminino (enquanto ser desautorizado a agir fora do ambiente familiar) e os vazios registrados nas páginas da história do país, caracterizados pela falta de participação da mulher em eventos importantes.

Nesse momento, a ditadura militar (e suas heranças) passa a ser contestada por homens e mulheres descontentes com o tamanho autoritarismo e a violência. No entanto, a intromissão feminina em questões distantes das cercanias da família possibilita o abandono da condição de vítima, muito fortemente através da literatura, promovendo uma reelaboração do discurso. A partir de então, as representações passam a ser elaboradas, também, sob outra ótica. Para Samara (1997), esse movimento retira da mulher a imagem de passividade e submissão, frente aos códigos de dominação masculina. Assim, o silêncio passa a ser visto sob outro olhar, o da mulher, como ocorre no conto, tendo em vista que a narradora leva para a escritura sua versão dos fatos, revelando, ainda que sem dividir com as demais personagens, uma atitude de contestação.

Coutinho (2003) alerta para o fato de que a resistência, por meio da literatura, ao poder homogeneizador do Imperialismo, nesse lugar, criou uma visão totalizadora das nações, que buscavam sua afirmação nacional. Desde então, tal modelo passa a ser questionado, já que os conceitos de “identidade” e “nação” são visualizados como construções discursivas e, por isso, em permanente modificação. Aparecem, então, as contradições existentes nas literaturas nacionais latino-americanas, considerando a multiplicidade de contextos e trajetórias histórica. Como consequência inevitável, um cânone unificado é abandonado e substituído pela ideia de estrutura aberta, gerando várias possibilidades de representação, com perspectivas múltiplas. Essa revisão é um fenômeno pós-moderno ocorrido no Ocidente, fundamental para a conquista de espaço pelas minorias.

No conto de Sánchez, uma voz, praticamente ausente até então, surge frente à realidade narrada. O sujeito feminino problematiza o presente (silenciado), com base no passado. As lembranças revelam que, ao estabelecer relações entre a capital argentina e a holandesa, no decorrer da viagem, a narradora realiza uma viagem subjetiva, de modo que as comparações, em um primeiro momento, ligadas à identidade nacional, posteriormente revelam uma experiência de exploração e aprendizagem acerca de si mesma, ainda que não se permita externar tais reflexões. Isso porque, ao longo do conto, a protagonista precisa avaliar seus posicionamentos com base na visão masculina de C, seu namorado, confrontando-os, em alguns momentos, com os interesses dele, o que *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

pode ser demonstrado na seguinte passagem: “C llevaba la delantera em la avenida Damrack, (...), mientras yo iba pensando en todas estas cosas, recordando por anticipado, com uma suave melancolia del presente” (SÁNCHEZ, 2002, p. 183).

A mescla entre esses diferentes elementos origina um novo sujeito, possibilitando uma terceira via de análise. É fato que a história da literatura latino-americana abandonou a tradição, articulando-se a sistemas dinâmicos e interligados, não mais considerados de modo isolado e, sim, constituindo uma relação baseada na heterogeneidade. Há, então, uma reconfiguração do conceito de identidade nessa região, visto como um constructo definido pela multiplicidade de vozes e vivências.

Pode-se considerar que a identidade constitui-se na questão central sobre a mulher latino-americana, e a literatura, por sua vez, contribui na medida em que há uma problematização de arquétipos, expondo possibilidades de pensamento e de ação do ser feminino, desconsiderado por tanto tempo. Desse modo, o conto de Sánchez volta-se para “o processo de socialização e para o papel da mulher como transmissora da cultura” (SAMARA, 1997, p. 20), considerando que a narradora observa, analisa e expõe diferenças de comportamento entre mulheres e homens, externando, por meio da narrativa, suas possibilidades, ou seja, o que gostaria ou poderia fazer em determinadas situações.

Tendo em vista que a maternidade é muito significativa na Argentina, em especial a partir da ditadura, com o início do movimento das Mães da Praça de Maio, por exemplo, Sánchez utiliza esse momento sublime na vida da narradora, a fim de focalizar a sua reconfiguração identitária, pois, ao ver o filho pela primeira vez, lembra-se dos conterrâneos exilados em território estrangeiro (os quais conheceu durante a viagem à Europa), e, ao mesmo tempo, das mães argentinas, reféns em seu país, à espera dos filhos. Assim, declara que “la realidad fue um refugio que excluía todo peligro” (SÁNCHEZ, 2002, p. 200), já que, nesse período (década de 1990), o direito à maternidade poderia refletir a condição inicial para assumir as decisões sobre a condução da própria vida e a liberdade de ir e vir, de pensar e agir.

Considerações finais

A busca de uma percepção excepcional para situações do cotidiano revela um conjunto de impressões, por meio das idas e vindas das lembranças, de modo que o presente e o passado trocam suas matérias, promovendo autodescobertas da *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

protagonista. Ela percorre uma trajetória diferenciada a partir da viagem que realiza, em direção ao seu interior, de modo que o processo histórico sinaliza modificações no domínio dos mitos e dos ditames da cultura. Aparecem, então, conforme Samara (1997), as mulheres como seres sociais integrantes de sistemas de poder, redes de dominação ou mesmo laços de vizinhança, conquistando espaços públicos sem a prescrição masculina.

Para tanto, a literatura no espaço latino-americano, região marcada por relações de poder desiguais desde o início de sua história, tem promovido um exercício reflexivo bastante significativo, na medida em que traz para as páginas ficcionais fatos históricos importantes, como é o caso da ditadura, na Argentina, permeados por personagens com as quais os leitores se identificam muitas vezes, pois vivenciaram situações muito próximas. No caso das mulheres, as conquistas são ainda maiores, pois saem dos limites do ambiente doméstico e escrevem, também, sua participação (não menos significativa) na história do país, a partir do momento em que conquistam a palavra e discutem questões relacionadas à situação econômica, política, social e cultural de sua região de origem, indo além dos domínios da família.

Partindo da necessidade e do desejo de conquistarem sua identidade, as mulheres escritoras utilizam-se “da narrativação do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento (...) esteja, em parte, (...) na fantasia” (HALL, 2000, p. 109). Assim, “organizar la escritura es una manera de organizar la vida, de dar un esquema a la realidad, vivir es narrar/narrarse” (RAVETTI, 1999, p. 44).

Os relatos memorialísticos são convertidos em recurso que institui a identidade, “uma vez que se estrutura nos elementos e nas práticas imediatas e aparentes que estão tanto na camada superficial ou aparente do cotidiano dos indivíduos quanto nas regiões mais profundas e ignotas, ambas influenciando na consciência de mundo de cada individualidade” (ZINANI, 2010, p. 96). Com isso, a ordenação das lembranças no tempo e no espaço torna-se uma ferramenta fundamental, enquanto processo direcionado à representação de um sujeito que, na desconstrução de si próprio e dos vínculos estabelecidos com seu lugar de origem, também problemático e passível de questionamentos, demonstra que o ser humano transforma-se e é transformado, constantemente, através de uma rede de relações que ultrapassa fronteiras e promove uma reelaboração, nos sujeitos, do modo de ver e estar no mundo.

Resumen: Los estudios culturales, a partir del siglo XX, promovió la inclusión de la expresión de las minorías en la esfera social, incluidas las mujeres. En este contexto, con las escritoras de América Latina, alrededor de 1980, se inició un proceso de representación de la identidad femenina, con base en los aspectos de la historia y la memoria, característicos de esta región periférica históricamente. En consecuencia, sobre la base de "Amsterdam, 79", de Matilde Sánchez, se pretende conectar las representaciones de la identidad del sujeto femenino a esta región, que está representada en los márgenes del contexto global en el tiempo. Así, el estudio se centra en la voz narrativa que utiliza los recuerdos para volver a configurar a sí mismo como un sujeto que tiene la palabra y, en consecuencia, la dirección del mismo.

Palabras clave: Identidad Femenina. Región. América Latina.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Trad. Eduardo L. Suarez. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Schwarcz, 1989.

BEZZI, Meri Lourdes. Região: desafios e embates contemporâneos. In: SEI – Superintendência de Estudos Econ. e Sociais da Bahia. (Org.). *Desigualdades Regionais*. Salvador: Bigraf, 2004, v.1, p. 39-87.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Roneide Venâncio Majer; Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 3. v.

CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: _____. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTINHO, Eduardo F. A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina. In: _____. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 59-68.

DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares: Letras e Humanidades*, nº3, p. 2-24, jan-jul 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/3/revista>>. Acesso em: 01set. 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

JOACHIMSTHALER, J. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares: Letras e Humanidades*, n°2, p. 27-60, jul-dez 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/2/revista>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

KALIMAN, R. *La palabra que produce regiones. El concepto de región desde la teoría literaria*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1994.

_____. Un marco (no “global”) para el estudio de las regiones culturales. In: _____. *Las regiones culturales*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán – CONICET, 1998.

MANCE, Euclides André. *A revolução das redes: a colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis: Vozes, 2000.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. de M. *Filosofia: diálogos de horizontes*. Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 149-160.

_____. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

_____. *Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RAVETTI, Graciela. La ingratitud, de Matilde Sánchez: representaciones del exílio. *Caligrama*, n. 4, p. 41-51, 1999. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/caligrama/Caligramav04a04.pdf> >. Acesso em: 10 set. 2010.

SAMARA, Eni de Mesquita. A construção da identidade social de gênero. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 15-51.

SÁNCHEZ, Matilde. Amsterdam, 79. In: WEINSCHELBAUM. Violeta (Org.). *Vinte ficções breves: antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos*. Brasília: UNESCO, 2002. p. 179-201.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Linguagem, memória e história: o enunciado nacional. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Org.). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-34.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. . *Antares: Letras e Humanidades*, n°2, p. 2-26, jul-dez 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/2/revista>>. Acesso em: 01 set. 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 126-138, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 20 jul. 2012.

Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

WOOLF, Virginia. *Kew Gardens; O status intelectual da mulher; Um toque feminino na ficção; Profissões para mulheres*. Trad. Patrícia de Freitas Camargo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.